

CORONELISMO, TRADIÇÃO E DOMINAÇÃO: ILUSTRAÇÕES POSSÍVEIS EM “MEMÓRIAS DO CORONEL FALCÃO”

CORONELISM, TRADITION AND DOMINATION: POSSIBLES ILLUSTRATIONS IN “MEMORIES OF COLONEL FALCÃO”

César Andre Luis Beras¹

RESUMO

O presente artigo busca responder a uma pergunta central: “Como o presente se atualiza a partir do passado?”, e tem como pressuposto de que as tradições culturais e políticas são construções humanas em permanente atualização. Neste sentido, se realiza três reflexões complementares entre si: a) As principais características de uma dominação com base na tradição, a partir de Weber onde constatou-se três mecanismos possíveis de atualização: os laços materiais pragmáticos, a reprodução simbólica (educacional) e o utilitarismo nas relações sociais; b) A caracterização, a partir de Victor Leal Nunes do fenômeno do coronelismo no Brasil como expressão principal de uma cultura antidemocrática e tradicional com base em nosso processo de formação sócio histórico que tem por sua vez dois mecanismos de atualização: a dependência estrutural e a privatização e mistificação da democracia; c) A ilustração a partir do romance de Aureliano de Figueiredo Pinto sobre um recém coronel no interior do Rio Grande do Sul, que nos ajuda a compreender, por dentro, a dinâmica de dominação com base na tradição a partir de 06 atos (momentos do texto) da construção da rede de dependência e da mistificação da democracia.

Palavras-chave: Coronelismo. Tradição. Dominação. Dependência e Democracia.

ABSTRACT

This article seeks to answer a central question: How the present is updated from the past and has with presupposition that cultural and political traditions are human constructions in permanent update. In this sense, three reflections are made that complement each other: a) The main characteristics of a domination based on tradition starting in) where three possible updating mechanisms were found: the pragmatic material ties, the symbolic reproduction (educational) and utilitarianism in social relations; b) The characterization, based on Victor Leal Nunes of the phenomenon of coronelism in Brazil as the main expression of an antidemocratic and traditional culture based on our process of socio-historical formation, which in turn has two updating mechanisms: the dependence structural and the privatization and mystification of democracy; c) The illustration from the novel by Aureliano de Figueiredo

1 Possui graduação em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000), Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003), Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008) e Pós-Doutorado em Ciência Política na UFRGS (2016).

Pinto about a newly colonel in the interior of Rio Grande do Sul, who help us to understand from the inside the dynamics of domination based on tradition from 06 acts (moments of the text) of the constructions the dependency network and the mystification of democracy.

Keywords: *Colonelism. Tradition. Domination. Dependence and Democracy.*

INTRODUÇÃO

“Compreendi logo que eu, o obscuro criador no meu rincão de campo, estava transformado, de então por diante, em uma legítima aspiração do povo. E, sem remédio, promovido a coronel distrital” – Coronel Falcão²

A democracia no Brasil é um processo em franca construção que dialoga diretamente com a nossa formação sócio-histórica desde a colonização até os dias de hoje, e simultaneamente contraditório, pois, perpassado por momentos democráticos e não democráticos, que em síntese configuram uma tessitura histórica marcada por concentração de renda, desigualdade social e a busca da construção de instituições democráticas. Há neste diálogo uma tensão entre o passado com suas tradições e o presente onde hoje vivenciamos um Estado democrático e de direito. Neste sentido, partimos, portanto, da seguinte pergunta, que busca orientar nossa pesquisa e esforço reflexivo: Como o presente se atualiza a partir do passado?

Busca-se perceber de que maneira a nossa formação sócio histórica³ configura um determinada tradição que remonta o processo de colonização e a dominação de uma elite rural, cotejada por outras formas de elite, mas onde a primeira subsiste quer economicamente, quer culturalmente afirmando cotidianamente elementos que conformam por sua vez um processo de racionalização da política e da democracia, que se torna um campo altamente pragmático, exercida do ponto de vista privado e completamente oposto ao bem comum e onde as situações de desigualdade e concentração de renda reproduzem práticas autoritárias, antidemocráticas e de aparelhamento do Estado, transformando e minando sua capacidade de ser um instrumento de promoção do bem comum.

Neste complexo cenário, um elemento que embora datado historicamente, está longe de ter sido abandonado nas curvas da realidade brasi-

2 Frase do personagem principal de “Memórias do Coronel Falcão (1986:24) durante o processo de seu recrutamento como futuro prefeito do município

3 Vide para aprofundar tal reflexão sobre as características autoritárias e nossa formação sócio-histórica entre outros: Freyre (1975), Holanda (2004), Prado Jr (2004) e Carvalho (2002)

leira, é o coronelismo⁴, um sistema de poder político baseado no compromisso entre o poder central e o poder local. Assim o coronel é representante político da elite rural e com ascensão popular que em troca do apoio para resolver os problemas da localidade e se manter no poder obtém os votos necessários para a legitimação do poder central.

Buscando dar conta de referido problema de pesquisa vai-se realizar três reflexões iniciais e sintéticas que buscam nos aproximar tanto da dinâmica sócio-histórica brasileira como da complexidade da relação entre o passado sócio-histórico do país e o seu presente buscando perceber os possíveis impactos nos processos democráticos.

Primeiramente vamos resgatar alguns elementos centrais, com base nas reflexões de Max Weber (1986), do processo de dominação com base na tradição que apresenta uma dimensão sacra, pois internalizada subjetivamente como algo eterno e legítimo e ao mesmo tempo emocional, pois se torna um elemento sentimental na base da ação humana, constituindo-se assim uma fidelidade entre dominantes e dominados, tal como entre pais e filhos, por exemplo. Seus componentes centrais são: os laços materiais pragmáticos, a reprodução simbólica (educacional) e o utilitarismo nas relações sociais; temos assim um processo de dominação que pode criar - material e subjetivamente- mecanismos de atualização do passado, ou seja, tornar presentes traços sócio-históricos e culturais de forma nova, mas afirmando valores e posições da elite brasileira.

Em segundo, vamos focar diretamente no fenômeno do coronelismo no Brasil buscando compreender sua gênese e sua dinâmica a partir da obra de Victor Nunes Leal(2012) que em “Coronelismo, Enxada e Voto” nos apresenta elementos *sui generis* do supracitado processo de dominação: uma elite rural decadente que consegue manter sua posição do poder em um simples mas potente compromisso coronelista que se sustenta duplamente, de um lado, em redes de dependência material quer pelo poder patrimonial do “coronel”, quer pelas situações de pobreza encontradas e de outro lado pela privatização do Estado, que deixa de ser um esfera pública voltada para o bem comum e vira um instrumento de afirmação de interesses privados, o que por sua vez levar-se-á a mistificação da democracia, como algo negativo.

E por último, na sequência das reflexões anteriores vamos buscar ilustrar a dinâmica coronelista a partir do romance do gaúcho Aureliano de Figueiredo Pinto (1986): “Memórias do Coronel Falcão” que ao contar a história do nascimento de um coronel, recrutado em sua “Estância” nos

4 Vide Victor Leal Nunes (2012) e Faoro (1975)

“pagos gaúchos” nos permite adensar e ilustrar a reflexão de Weber (1986) e Leal (2012), pois nos possibilita entender os bastidores da vida no campo e a dinâmica política que ali ocorre. Serão duas ilustrações (referente aos dois mecanismos de reprodução do coronelismo supracitados), retiradas das páginas do romance, divididas em seis atos, que nos permitiram com uma extraordinária riqueza de detalhes em uma linguagem erudita e reflexiva do clima político da época, perceber a dinâmica específica e complexa dos elementos que sustentam o compromisso coronelista.

1 Possíveis elementos de atualização da tradição no presente

Podemos, com base em Weber (1986), perceber de que a dominação com base na tradição, que se expressa a partir do reconhecimento pelos indivíduos de “poderes há muito existentes, tem duas premissas articuladas entre si: a sacra e a afetiva. A premissa “sacra” como motivação central da tradição traz em si um elemento que seria inviolável, e traço central de sua legitimação: a autoridade por trás de toda temporalidade, de sua ancestralidade inquestionável⁵. Assim, de geração em geração afirma-se uma forma de servidão auto reconhecida como necessária e suficiente para dar conta das necessidades sociais.

Mas, esta primeira premissa é contemplada por outra: dos laços afetivos, que se expressam pela natureza geral desta forma de relação que se dá de forma comunitária e com sólidas relações de fidelidade entre servos e senhores ou para generalizar entre dominantes e dominados. Assim, de um lado a tradição se enraíza pela experiência comum dentro da sociedade e de outro tem a confiança, a lealdade como centros de interdependência social. Neste sentido há vínculos sentimentais solidamente estruturados e o poder embora racionalizado tem como base desta não, pelo menos ainda, o cálculo somente material, mas o reconhecimento imaterial de determinadas questões (família, relações amorosas, valores religiosos, sentimento de solidariedade e de dívida pessoal, etc.). A partir dessas duas premissas do modelo puro de dominação patriarcal podemos perceber três possíveis elementos que podem via a atualizá-lo em nosso cotidiano: a) os laços materiais pragmáticos, b) reprodução simbólica (educacional) e c) o utilitarismo nas relações sociais

O primeiro elemento⁶ que pode atualizar a dominação com base na

5 Para aprofundar sugerimos Economia e Sociedade (1999) - seção 3 - dominação patriarcal x dominação patrimonial de Weber

6 Cada elemento é extraído de uma análise que Weber realiza entre os tipos ideais da dominação patriarcal e patrimonial, que nos servem como o ponto de partida para a construção de nosso modelo didático e ideal. Neste sentido, ora usamos elementos do patriarcalismo, ora

tradição é o pragmatismo nas relações materiais expresso na conexão entre o movimento de alargamento das esferas de decisão e os interesses privados dos indivíduos. Isto vai ser possível a partir do deslocamento do modelo puro de dominação (patriarcal) para um modelo híbrido (patrimonial), que vai permitir a atualização constante das tradições e inclusive a própria possibilidade de a tradição vir a ser algo racional e não somente uma expressão e situação do campo da irracionalidade por falta de cálculo, mas também, uma relação sólida entre meios e fins. Ou seja, a tradição intencionalmente se reproduz como forma de dominação, não de forma natural, mas como projeto de vida⁷. Assim se oscila do poder do patriarca (com base na personalidade pura) para uma forma patrimonial (com base em bens materiais).

Portanto, dentro das formas de dominação pela tradição, temos uma forma inicial e predominante: a patriarcal, com base em uma autoridade reconhecida coletivamente mas majoritariamente pessoal e um modelo familiar como referência das relações econômicas, sociais e políticas, a autoridade legítima do provedor, do mais antigo, do responsável mor. Mas, historicamente surgirá uma derivação combinatória: uma autoridade patrimonial, pois há já uma especialização de uma dependência pura e direta do senhor patriarcal e logo de uma relação de poder pouco equilibrada, pois totalmente pessoalizada e centralizada, para um alargamento do poder, deste prestígio, desta forma de decidir e influir no destino comum.

Teremos como síntese uma relação social pautada pela dominação estamental, onde os indivíduos adquirem uma certa autonomia e independência na busca de seus objetivos, buscando afirmar e isso é um elemento central de seus privilégios, tendo como base desse processo, seus interesses privados. Ressalta-se que este processo de alargamento de poder portanto está longe de representar uma aproximação com a democracia, mas sim de equilibrar o poder entre os seus detentores e seus interesses particulares. E aqui já verificamos indícios de uma disputa pelo poder com base em um sentimento pragmático: a dominação estamental parte de uma relação de interesses entre no mínimo duas partes, sendo que para isso ambas possuem algum tipo de patrimônio material:

do patrimonialismo sem se preocupar com a distinção realizada a todo momento por Weber, mas simplesmente coletando traços que podem se atualizar independente da época histórica, embora gerados em uma época datada.

7 Neste ponto nos descolamos um pouco de Weber para quem a tradição estaria no campo do irracional, supomos que embora ela possa ter uma reprodução naturalizada, também tem seus mecanismos calculados de reprodução ou seja também é um projeto de poder, uma forma de manter determinados *status quo* e logo algo racionalizado.

Estão investidos em seus cargos (de modo efetivo ou conforme a ficção de legitimidade) por privilégio ou concessão do senhor, ou possuem, em virtude de um negócio jurídico (compra, penhora ou arrendamento) um direito próprio do cargo, do qual não se pode despejá-los sem mais. Assim, sua administração, ainda que limitada, é autocéfala e autônoma, exercendo-se por conta própria e não por conta do senhor. É a dominação estamental.... (WEBER, 1986, p.133)

Esta conexão entre o alargamento das esferas de poder - no caso da capacidade de participar das decisões que afetam a todos - e os interesses privados indiferente de qualquer bem comum, com base no patrimônio, na aquisição material que se transforma na principal forma de reprodução da existência humana torna-se um elemento atualizador da tradição. Pois se repõe simultaneamente a necessidade de disputa por interesses materiais quer os já acumulados, quer os novos objetivos de ampliação de sua posição de poder. Isto vai se dinamizar no cotidiano a partir de alianças mutáveis, de movimentos se necessário contraditórios, de concessões com o contemporâneo, desde que alarguem e afirmem sua posição privada inicial. A tradição é vista aqui como fonte do status quo e para isso permanentemente renovada.

O segundo elemento atualizador da dominação com base na tradição, a reprodução simbólica (educacional), tem por base a naturalização da dominação tradicional, e isto será a base do processo de especialização da própria tradição, pois desde a idade infantil os membros das famílias (dos dominados e dominantes) são submetidos a um processo educacional primário com hábitos e costumes tradicionais ligados a seu contexto específico. Há já na construção da base simbólica e material de se apropriar do mundo, de como interagir com este, uma valorização da forma estamental/patrimonial.

Portanto, a dominação com base na tradição tem em sua base dinâmica a reprodução cultural impressa em hábitos e costumes que perpetuam uma autoridade do 'assim como está é como deve ser, pois sempre foi' e logo há um compromisso ético-moral com a tradição, mas este também - e aqui está o fundamento da especialização que ocorre simultaneamente e internamente a tradição - condicionado por interesses, neste momento e talvez isso seja uma característica ainda presente, de caráter originalmente doméstico desta forma de dominação, ou seja, premida pelo imediato e tangível no aqui e no agora:

A fidelidade inculcada pela educação e pelo hábito nas relações da criança com o chefe de família constitui o contraste

mais típico com a posição do trabalhador ligado por contrato a uma empresa, de um lado, e com a relação religiosa emocional do membro de uma comunidade com relação a um profeta, por outro. E efetivamente, a associação doméstica constitui uma célula reprodutora das relações tradicionais de domínio. (WEBER, 1986, p.133)

Esta constante especialização da tradição além de partir dos interesses privados, traz fortemente a dimensão já aludida da afetividade, pois percebe-se que não se parte somente de elementos materiais e objetivos dados pela conjuntura econômica dada, mas sobretudo por sentimentos, emoções e logo em valores culturais que internalizam e reproduzem a tradição, ou seja, aprendemos a ser “assim ou assado”, em nosso caso aprendemos a respeitar uma determinada tradição e se esta for autoritária, reproduziremos este autoritarismo como fundamento de nossa ação. Portanto se na política a cultura é autoritária e pragmática, advém da naturalização de hábitos e costumes que sustentam, reconhecem e reproduzem politicamente tal forma. Este autoritarismo e pragmatismo político se renova a partir da atividade doméstica cotidiana fortemente enraizada educacional, material e emocionalmente nos indivíduos.

O terceiro elemento atualizador da dominação com base na tradição se constitui no utilitarismo nas relações sociais, assim o que se especializa aqui no seio da tradição, é sua capacidade de combinar-se com necessidades materiais que expressam certa justiça social e garantem determinada igualdade como forma de manter seus interesses privados e, portanto, a tradição que embasa isto. Assim a tradição se amplia para além dos seus domínios iniciais: família, quadro administrativo, patriarcas, soberanos, enfim da elite dominante para o conjunto da sociedade livre (homens livres em Weber) a partir da solução de necessidades objetivas dos súditos, ou dos dominados, pelo patriarca ou pelo soberano, enfim o que detém o poder material:

O patriarca, assim como o senhor patrimonial, rege e decide segundo princípios da “justiça do Cadi” [islâmico], ou seja: por um lado preso estritamente à tradição, mas por outro e na medida em que esse vínculo deixa liberdade, conforme pontos de vista juridicamente informais e irracionais de equidade e justiça em cada caso particular, e “com consideração da pessoa”. Todas as codificações e leis da dominação patrimonial respiram o espírito do chamado “Estado-providência”: predomina uma combinação de princípios ético-sociais e utilitários-sociais que rompe toda rigidez jurídica formal. (WEBER, 1986, p.134)

Neste sentido a dominação com base na tradição torna-se referência de bem-estar para a sociedade a partir de sua riqueza patrimonial estender certos benefícios e logo afirma alguns princípios jurídicos para além das formas racionalizadas, sistemáticas e processuais. E, conseqüentemente, a base dessa autonomia, o patrimônio, se reverte em dominação que tem como base central: o acúmulo material e toda a influência daí decorrente distribuída para o conjunto da sociedade: prebendas, recompensas, fidelidades, baseada então em um princípio de justiça, que tem como centro as relações pessoais e materiais.

Verifica-se, a emergência de uma sólida característica permanente da dominação com base na tradição: a pessoalização da atividade política que afirma uma relação pragmática de troca de interesses entre dominantes e dominados desde que estes coincidam com objetivos particulares de ambos. A providência social prestada parte da primazia do material e das relações pessoais e logos dos interesses privados e, portanto, da importância estratégica para os indivíduos das relações econômicas como prioridade das próprias relações sociais e logo utilitárias por excelência, regidas pelo pragmatismo do “que vou ganhar com isso?”.

Temos, portanto, por dentro do processo de dominação a emergência de um utilitarismo social que vai transformar a relação política com o outro, não necessariamente a partir de uma condição de igualdade, mas de troca de interesses, onde o indivíduo se torna um ponto de apoio de outro indivíduo, sendo a negociação e a afirmação dos interesses privados o que importa. Há então, uma plasticidade de configurações de ação com base na tradição que se articula de acordo com a posição no tabuleiro (alianças, acordos, apoios, etc.). Neste processo utilitário, temos a utilização de práticas que operam as trocas e garantam tais posições: o assistencialismo, o paternalismo e toda a forma de benefício que consagre as posições do dominante.

2 Os mecanismos constitutivos centrais do sistema coronelista: nossa peculiar dominação pela tradição

Buscando dar conta de nosso problema de pesquisa: Como o passado atualiza o presente? Partimos da possibilidade de que um grande elemento atualizador da dominação⁸ com base na tradição, no Brasil, seria o

8 Este artigo é parte de um processo reflexivo sobre a dominação com base na tradição no Brasil ainda em franca construção, logo este elemento apresentado de atualização de relações políticas autoritárias a partir do pragmatismo privado, ou seja, da orientação da conduta de ação por finalidades práticas, materiais e que deem conta de interesses privados pode e

pragmatismo privado, que afirma a renovação e permanência de traços coronelistas em nossa dinâmica política contemporânea. Esta possibilidade tem como pressupostos, a reflexão realizada em Weber: a) os laços materiais pragmáticos, b) reprodução simbólica (educacional) e c) o utilitarismo nas relações sociais vistas na seção anterior.

Neste sentido, uns dos centros das relações sociais e do compromisso coronelista é a troca de votos e prestígio entre uma elite local e uma elite nacional que busca se manter no poder. Isto vai acontecer a partir de dois mecanismos sistemáticos que racionalizam (no sentido de especialização) e atualizam esta forma política: a) A dinâmica coronelista da dependência estrutural e da troca de interesses privados, b) A privatização do Estado e a mistificação da democracia.

2.1 A dinâmica coronelista da dependência estrutural e a troca de interesses privados

O primeiro elemento que sustenta a dominação com base na tradição, e vai permitir sua atualização em tempos atuais, alia a dependência estrutural dos dominados de forma sinérgica com a maximização dos interesses materiais privados (de dominados e dominantes). De um lado teremos as condições de pobreza dos dominados e de um prestígio, mesmo decadente, do coronel que vai estabelecer vínculos sentimentais que por sua vez vão se transformar no devido momento em apoio eleitoral. Por outro lado, se alimenta no seio desse processo, as trocas materiais, culturalmente afirmadas de consecução e reprodução de interesses privados: cargos, dinheiro, comida, emprego etc. Tudo que possa valer um voto e ao mesmo tempo dar conta pragmaticamente de uma boa posição social.

Neste sentido há um elemento central para a constituição, manutenção e reprodução da dominação com base na tradição: o sentimento de fidelidade⁹, compreendida como um reconhecimento prático e emocional da dominação. Nesta perspectiva, de garantida lealdade do dominado, o pragmatismo privado vai se sustentar em uma situação de dependência estrutural entre o camponês e o senhor fundiário e uma troca de interesses materiais pessoais. Neste sentido, conforme Leal (2012) há no início do século XX uma situação de decadência social, política e econômica deste último, mas isto não impede ainda, uma certa proeminência econômica e principalmente simbólica. nos pagos campeiros, ou seja, concretamente

provavelmente será acrescido futuramente em trabalhos posteriores de outros elementos atualizadores.

9 Abordada com detalhes na seção anterior.

a sobrevivência dos dominados depende do dominante, que vê neste, sua única chance prática e efetiva de algum tipo de oportunidade social:

(...) o roceiro vê sempre no “coronel” um homem rico, ainda que não o seja; rico, em comparação com sua pobreza sem remédio. Além do mais, no meio rural, é o proprietário de terra ou de gado quem tem meios de obter financiamentos. Para isso muito concorre seu prestígio político, pelas notórias ligações dos nossos bancos. É, pois, para o próprio “coronel” que o roceiro apela nos momentos de abertura, comprando fiado em seu armazém para pagar com a colheita, ou pedindo dinheiro, nas mesmas condições, para outras necessidades. (LEAL, 2012, p. 24)

Conquanto, o coronel tem relações privilegiadas, seu prestígio e influência continuam presentes, pois possui meios para empréstimos (terras, gado, plantações) que interessa imensamente aos bancos. Assim, as condições objetivas de vida determinam e conformam redes de apoio, onde a ajuda econômica se transforma em apoio político sólido e inegável, principalmente nos tempos eleitorais. Portanto, as condições sociais do país, advindas de uma estrutura de desigualdade social e concentração de renda, vai afetar a capacidade de resposta do Estado e as estratégias de sobrevivência individuais, que acontecem sobre o signo da tradição coronelista. Vamos verificar que há na base do compromisso coronelista além da apropriação do Estado e da esfera pública (elemento discutido mais abaixo) uma apropriação da fragilidade social humana (situação de pobreza).

A situação de dependência estrutural sustentada por trocas privadas, por sua vez, tem um interesse central. Este preside e estrutura os demais: a vitória eleitoral. Será ela que afirmará melhores oportunidades para todos e que demonstra factualmente a força e a validade do apoio eleitoral. Assim o coronel é parte de um sistema de alargamento do poder que busca legitimar a ação do Estado e para isso principalmente legitimar seus representantes locais. E assim estão dadas as condições para o pragmatismo privado, ou seja, garante-se os interesses particulares do coronel e dos seus e se terá os votos necessários para que o sistema funcione.

Portanto o coronel vira chefe municipal por ser dono de terras e por isso terá grande influência, ele praticamente será o conjunto das instituições legais, terá prioridade total nos assuntos municipais. Com uma base social que depende deste financeiramente e que reforça não somente a sua fonte de votos como a sua autoridade pública, sendo o elo principal para o desenvolvimento da localidade que mora e chefia. Há, portanto, um siste-

ma de reciprocidade instituído como hábito (do toma lá, dá cá), que busca conformar uma estabilidade política da elite.

Essa reciprocidade pragmática se completa no nível interno da relação entre os coronéis que também exercem determinada reciprocidade, a partir de uma situação de interdependência nos níveis, municipais, estaduais e federais, hoje intendente, amanhã deputado, enfim um troca pragmática com base nas relações pessoais, alianças e/ou a especificidade política de determinado momento: “(...) e todo o edifício vai assentar na base, que é o “coronel”, fortalecido pelo entendimento que existe entre ele e a situação política dominante em seu Estado, através dos chefes intermediários.” (LEAL, 2012, p.34).

Percebe-se, portanto, que um dos elementos que está na base da tradição coronelista, expressão da dominação com base na tradição, o pragmatismo privado tem sua atualização, como vimos acima, a partir de traços culturais que permanecem mesmo com o crescimento da população urbana, pois o reflexo sócio-histórico de uma elite escravagista e não preocupada com o desenvolvimento civilizacional do país reforça o pragmatismo como mecanismo de dominação e de sua sobrevivência.

2.2 A privatização do Estado e fragilização da democracia

O segundo elemento que se atualiza e sustenta as relações de dominação com base na tradição a partir do pragmatismo privado é a própria privatização do Estado que simultaneamente acaba por fragilizar a democracia transformando - a de um valor universal em um elemento do cálculo pragmático. Pois para se dar conta dos interesses privados, para se manter as redes de dependência e para se afirmar a dominação de uma elite de forma excludente e predatória é necessário que haja meios para isso. E o Estado fornece os recursos materiais a partir de seus impostos e financiamentos e os recursos simbólicos, a partir da autoridade constituída e do prestígio inerente ao exercício de sua administração. Assim uma apropriação pragmática do Estado, que vai torná-lo um patrimônio exclusivo da elite nacional agrária, é uma condição central para dar conta de necessidades efetivas: status, prestígio e principalmente a apropriação deste para seus interesses privados.

Como temos buscado demonstrar, o apoio político se baseia em trocas, que constituíam um sólido compromisso coronelista. Mas se os coronéis estavam decadentes, o que se poderia trocar com eles? Por que pagar o preço solicitado? Sabendo-se inclusive da possibilidade objetiva de práticas corruptas?¹⁰ Percebe-se, um duplo pragmatismo: local e central, um mais

10 Perguntas refletidas por Leal (2012)

perverso que o outro. Em nível local, para materializar o apoio e aumentar a dependência estrutural entre o coronel e seus apoiadores, este precisava de recursos materiais que permitisse satisfazer as diferentes demandas e interesses e para isso os recursos do Estado eram fundamentais, estratégicos para manter a dominação. Em nível central, que precisava desse apoio, valia a pena, pois no limite, pelo quadro jurídico legal, a responsabilidade direta de uso dos recursos era local, cabia ao centro somente fazer chegar e ampliar tais recursos e assim poderia romper o apoio e sair “ileso” a qualquer momento.

Assim, ao compreender-se o Estado como um patrimônio, concebe-se este como propriedade privada, e, portanto, verifica-se também que este já tem um dono a priori, um patriarca por direito, já legitimado pela tradição e investido por esta: a saber o coronel. Isto exemplifica de forma nítida uma concepção patrimonialista de poder, em ação, que advém da cultura patriarcal e estamental presente no sistema colonizador¹¹. Mas mais que somente ser um momento de nossa história nacional, ela se atualiza, se reproduz. Temos um “upgrade” do poder privado, assim como uma renovação/ampliação das formas de dominação da elite.

Neste sentido, o objetivo, pragmático e com base no interesse privado, de manter o poder da elite expresso no compromisso coronelista, se complexifica, pois atua não só no nível legal, mas é principalmente no nível extralegal, pois conforme percebemos em Leal (2012) a conquista do poder ultrapassa a própria legalidade do processo democrático. Ou seja, se cria um poder informal e superior inserido culturalmente e politicamente na relação direta entre o coronel e o poder central:

Opera-se, pois, uma curiosa inversão no exercício da autonomia local. Se garantida juridicamente contra as intromissões do poder estadual e assentada em sólida base financeira, a autonomia do município seria naturalmente exercida, no regime representativo, pela maioria do eleitorado, através de seus mandatários nomeados nas urnas. Mas com a autonomia legal cerceada por diversas formas, o exercício de uma autonomia extralegal fica dependendo inteiramente das concessões do governo estadual. ((LEAL, 2012, p. 37)

Aqui se vê, em toda a sua pungência, o pragmatismo na base das relações sociais e políticas: a obtenção do poder político não pelo processo democrático, mas por redes informais que desconhecem tal processo e o

11 Para aprofundar essa reflexão vide Holanda (2004) e Faoro (1975)

tornam uma coisa pró-forma, a troca de interesses mediada por benesses e não por programas ou ideais e o Estado capturado em sua função pública sendo fiador do interesse privado. Vamos perceber a transformação da dependência estrutural em também uma dependência cultural, pois, vai se conformar socialmente o hábito de que somente quem pode resolver é o coronel, pois “ele” tem o apoio do poder central e “somente ele”. Assim a “ele” será concedido os recursos necessários e ao outro qualquer que seja eleito será cerceado os recursos necessários.

Temos assim, a dádiva pessoal ao invés da distribuição pública, impessoal e universal dos recursos do Estado, o reforço da capacidade do Coronel de atender os interesses privados, e, portanto, temos a pragmatização da atividade política transformada em meio para obtenção de benesses. E daí, o apoio se torna inevitável, pois uma alternativa, digamos real, mas que não seja a escolha do poder central, tende a ser ineficaz e a localidade permanecer em situação de penúria. Esta situação de “dependência gerada”, cria hábitos e costumes tanto entre os que disputam o voto (coronéis e partidários), como entre os que votaram.

3 Ilustrações da dinâmica coronelista em Memórias do Coronel Falcão

Buscou-se até aqui construir uma primeira e provisória aproximação, a partir de Weber, trazendo os principais elementos constitutivos de um dominação com base na tradição: o pragmatismo, a reprodução simbólica e o utilitarismo como possíveis mecanismos de atualização da própria tradição, para em segundo buscar captar a singularidade desta forma aqui no Brasil, a partir da análise sintética do sistema coronelista nos apresentada por Victor Leal Nunes, queremos agora ilustrar tal sistema e suas duas principais características: a dependência estrutural e a privatização do Estado a partir de um romance gaúcho que retrata a realidade da década de 20/30 no país.

Para isto, e partindo do princípio de que a literatura, em quaisquer de seus gêneros, expressa de forma crítica e figurada elementos da realidade político e social que nos rodeia, vamos ilustrar os elementos teóricos apresentados a partir do romance do gaúcho Aureliano de Figueiredo Pinto¹²: “Memórias do Coronel Falcão” que através do personagem título nos demonstra o nascimento de um coronel, a construção do compromis-

12 Nascido em 1898 em Tupanciretã/RS, participa da Revolução de 1930 como acadêmico de medicina, curso que se forma em 1931. Iniciando a clinicar no ano seguinte em Santiago do Boqueirão. Torna-se simultaneamente poeta e escritor renomado. Faleceu em 1959

so coronelista, o funcionamento instável e pragmático deste sistema e sua reconfiguração com detalhes e dentro do pano de fundo da decadência da elite rural gaúcha, que como vimos é a realidade em todo o Brasil.

“Memórias”¹³ iniciou a ser pensada pelo autor em 1931, sendo escrita em 1936 e concluída em 1937¹⁴, mas lançada somente, postumamente em 1973 por Carlos Jorge Appel, amigo, advogado e escritor. Uma obra complexa, de inspiração nitidamente da literatura francesa no tangente a construção dos personagens (de Baudelaire a Flaubert, passando por Balzac e Rimbaud), mas sobretudo calcado na realidade após as duas revoluções contemporânea de sua época: a de 1823 (Borges de Medeiros) e a de 1930 (Getúlio Vargas) focando, conforme Appel (1986) os “desmandos do poder e as gerações traídas”.

Em linhas gerais temos um campônio, na própria autodefinição do Coronel Falcão que bem-sucedido e respeitado é convocado politicamente por uma comissão de notáveis do lugar e com a chancela do governador da época (Borges de Medeiros) após a ida capital e a campanha se elege prefeito da localidade. No meio deste processo se apaixona pela esposa de um amigo e apoiador, fato que o leva à violento julgamento moral e paralelamente ele vai acumulando dissenso de sua base de apoio inicial, assim como entrando em profundas contradições entre sua forma de ser, a política e a realidade local (de muita miséria social). E desta forma, os 17 capítulos descrevem com muita riqueza de detalhes, de idas e vindas, sua ascensão e queda, quando além de perder o cargo, perde suas propriedades e vira um “peão lutando pela sobrevivência.”

Assim, vamos organizar nossa proposta de ilustração do sistema coronelista e da sua conexão com a forma como acontece um processo de dominação com base na tradição, a partir dos dois mecanismos estruturais da afirmação da primazia do interesse material privado: a) a rede de dependência estrutural, e b) a privatização do Estado e a mistificação da democracia construídos a partir da leitura de Victor Leal Nunes, conforme refletida na seção anterior.

13 Único romance do escritor.

14 Romance escrito na mesma época de *Músicas ao longe* (Erico Verissimo) e *Os Ratos* (Dyonelio Machado) que haviam conquistado o Prêmio Machado de Assis. Conforme Jorge Appel: “Se Aureliano de Figueiredo Pinto não conseguiu ressonância foi simplesmente por não haver publicado seu romance no devido tempo.” (Introdução de “Memórias”-1986-3ª edição)

3.1 A dependência estrutural

Foi possível verificar nas reflexões realizadas nas sessões anteriores que um dos elementos que constitui e estrutura as formas de dominação com base na tradição - é a lealdade, base da dependência pessoal em uma situação de dominação com base na tradição, ou seja, a confiança recíproca e constante entre dominante e dominado quer porque “foi sempre assim”, quer porque desta maneira existem resultados práticos efetivos.

A ilustração que selecionamos que busca dar conta desta situação em “Memórias” é a de uma autorreflexão, do Coronel, que faz um pequeno balanço de sua vida para ponderar o aceite ou não ao convite lhe feito para ser candidato a prefeito. No sentido de aproveitar o rico conjunto de informações e detalhes, vamos dividir os dois parágrafos originais em 03 atos para extrairmos alguns elementos centrais das formas de dependência estrutural em nível local:

Porque nestes 16 anos de intenso labor pecuário, toda minha atividade como razão de viver, e o universo como necessidade social, ou motivo de pensamento, tiveram por limites as divisas da Estância. E exercia, então como Don Estandislau Lopes, de Santa Fé, a plenitude do Poder, de *governador proprietário* do meu pequeno Estado.

Cada rincão acrescentado à custa de incríveis insônias e te-rebrantes juro – o Pelotense, o da Província, o do Comércio – (q’os pariu!) dava-me a impressão de que incorporara uma nova Cisplatina ao meu império. (PINTO, 1986. p. 28/29)

Nosso primeiro ato ilustra inicialmente e com precisão o significado da Estância que emerge como um espaço simultâneo de trabalho, sustento e forma de ver o mundo. A sua propriedade equivale a de um Estado, a de um poder pleno. Ou seja, percebe-se a força material, mas também simbólica que anima a elite rural e simultaneamente o sistema coronelista. Temos o centro da motivação da ação de um coronel, sua fazenda, sua terra. E aqui temos também a unidade básica de manutenção e reprodução do coronelismo e substancialmente da rede de dependência, pois a Estância é uma razão de viver e isto suplanta o economicismo e confere a propriedade e ao trabalho nesta, uma dimensão sacra e emocional. Sacra por significar a terra uma forma de sustento e de dar sentido à vida humana. Emocional, porque o envolvimento cotidiano transforma essa terra em algo querido, uma parceira de vida.

Mas também em nosso primeiro ato, temos a ilustração, da progressiva decadência da elite rural em dívidas constantes e cada vez maiores com

os bancos, o que não obstante dava a possibilidade de ampliar as posses de terras, vistas como um “império”, ou seja, como uma fonte patrimonial permanente que precisa ser ampliada. E aqui, temos a Estância, como uma fonte motivacional objetiva do necessário aumento patrimonial. Assim a razão de viver tem a si acrescida um motivo a mais: adquirir terras, adquirir gado, adquirir pessoas(trabalhadores) e isto de forma incessante.

Logo quanto mais terra, mais dependentes e mais necessidade de terras. No meio disto tem-se a necessidade da mediação política como forma de provimento de recursos, proteção e consolidação do poder dos estancieiros. Temos assim no primeiro ato a centralidade do patrimônio, assim como a necessidade de sua expansão. Mas isto é só uma ponta da rede de dependência estrutural:

E deste as seções departamentais centralizavam-nas os ro-deios, sujeitos todos à ação proconsular dos posteiros. Por eles propiciava aos meus súditos ordem servil e vigilância militar. Também um pouco de assistência social e eugenia: o sal, a creolina e o esterco em pó para as bicheiras. E a faca, na primavera, para os quadrupedes adolescentes, mutilados pela seleção e para o lucro. E lá em cima, no coxilhão sobrestante, a casa do governo, com *el supremo* daqueles cinco mil cabeças, lanígeras, equinas, vacuns e humanas. (PINTO, 1986, p. 28/29)

O segundo ato, ilustra, outro momento constitutivo da rede de dependência estrutural, afinal todo império necessita de súditos, a saber todos os trabalhadores rurais que vão ser leais ao coronel e converter isto em uma tradição rural e substrato cultural de uma dominação com base na tradição. Pois, como vimos o veículo principal de uma dominação patrimonial é a sua efetivação em benesses materiais, ou seja, bem como demonstrado no primeiro ato, o coronel administra suas terras como se administrasse um Estado e logo cumpre as funções deste aqui neste segundo ato: pois dá conta de funções básicas e necessárias para reprodução da vida humana e para consolidar isto, se encontra mais perto do camponês e logo sua dominação se torna mais eficiente.

Portanto temos um “toma lá, dá cá”, com base na exploração patrimonial da terra e dos benefícios que decorrem disto, encarnados na figura do coronel: temos controle em estilo militar com disciplina e justiça própria, teremos o fornecimento de bens básicos para a sobrevivência (comida, remédios, condimentos) e logo teremos uma servilidade instituída e logo naturalizada e transformada em lealdade. Neste caso o pragmatismo das elites se aproveita da situação de pobreza existente no campo e torna-se

o poder regulador e responsável pelo “bem comum”, bem entendido, dos seus, daqueles que lhe são leais.

A riqueza de detalhes colocada por Aureliano em “Memórias” é admirável, pois há símbolos que estruturam toda essa rede de servilidade e lhe tornam velada, lhe tornam quase que natural: a ação pró consular dos posteiros¹⁵ que vão ter um função militar no controle do gado e dos limites da fazenda, a realização de eugenia e assistência social, como uma coisa natural e já contada, ou seja, já incluída no cálculo de sobrevivência de vida das pessoas, o sacrifício do gado não comercializado como fonte de festas e banquetes e no alto da coxilha a casa do estancieiro, símbolo do poder do coronel. Temos assim, a conformação da rede de dependência estrutural, a partir da relação cotidiana entre dominados e dominantes que trabalham juntos em prol do seu sustento, embora mantendo as divisões socioeconômicas:

Campônio de velha raça, criado entre gaúchos, o meu poderio se exercia sem demasias odiosas. Fazia-me querer à moda caudilhesca. Generoso, positivo para mandar, punir ou perdoar. Demais, furtava-me a competições com os meus subalternos. Todos, porém sabiam que as minhas rédeas, se necessário, eram manejadas com bravura, o donaire com que as exercita o atleta dos campos. E havendo o lance, entreolhavam-se apenas, compreendendo o melindre que me molestava, ante o suspeito aplauso dos dependentes... (PINTO, 1986, p.28/29)

O terceiro e último ato, que busca ilustrar o funcionamento da rede de dependência, traz o último elemento que a conforma e potencializa: o coronel, que encarna a tradição caudilhista, como bom senhor patrimonial que equilibra as virtudes da dádiva e da penitência. Ou seja, o exercício do poder era sutil, mas presente e cotidiano, parafraseando Weber¹⁶, “não adianta ser coronel, há que demonstrar que se é coronel” e isto aumentava e consolidava a rede de dependência. Evitava-se, como demonstra nossa ilustração, os conflitos, mas não fugia aos momentos de usar sua força, traduzida, nas palavras de Falcão em “bravura”, ou seja, o “coronel faz o que dele se espera”.

Assim temos o reforço da tradição da autoridade do dono da terra aliada às suas qualidades intrínsecas, mas também o espaço para o seu li-

15 Trabalhadores que colocaram os postes nos limites da propriedade do coronel

16 Frase original utilizada por Weber em Economia e sociedade: “Não basta ser Cesar é preciso mostrar que é Cesar”

vre arbítrio, ou seja, para a sua autodefinição de equidade e de justiça. Mas há um detalhe interessante na ilustração, a consciência de que a obediência pode ser suspeita ou seja, condicionada pela situação de dependência e logo, da necessidade de ser sempre reforçada.

3.2 A privatização do Estado e a mistificação da democracia

Podemos perceber, a partir de Weber, que uns dos elementos centrais que sustenta, a dominação com base na tradição - e confere a sua dimensão sacra e emocional caracterizando as relações sociais pragmáticas e utilitárias, solidamente enraizadas em nossa subjetividade, ou seja em nosso processo de ensino aprendizagem ‘do’ e ‘sobre’ o mundo- são as relações materiais, ou em termos weberianos “da equidade ética material, da justiça ou da utilidade prática” (WEBER, 1986, p.132).

Neste sentido é a troca, essencialmente material, que permite a sobrevivência dos dominantes e dominados, e que cria, portanto, substratos culturais que se perpetuam em forma de tradição. Logo para que a rede de dependência estrutural funcione é necessário como vimos que tal imperativo, de troca funcione, ou seja que o voto tenha como contrapartida benefícios materiais para o conjunto dos participantes da elite local, mas também para os “súditos” a partir de pequenas coisas fornecidas pelo coronel. Este processo, de patrimonialismo político¹⁷ é elemento central do coronelismo, é algo presente, ou seja, temos uma cultura patrimonialista na política, que traz elementos de racionalização da própria democracia, como um instrumento de obtenção de interesses materiais privados, ou seja o “jeitinho”, o nepotismo, o uso de recurso públicos para interesses particulares etc.

Em “Memórias”, separamos uma ilustração, longa- dois parágrafos- mas que traz, com ricos detalhes, o processo de corrupção na gênese da atividade política brasileira, plasmado por interesse pragmáticos privados , a partir da crítica ácida do Dr. Camerino¹⁸, médico da localidade, ao Cel. Falcão, após um dia visitando a população pobre e doente do município, que traz uma crítica estrutural a prática política da época, mas que choca pela atualidade de alguns elementos que buscamos organizar em três atos: a ação corrupta e antidemocrática, a reprodução da corrupção em nível local e a violência como elemento de sustentação da corrupção:

Vocês são uns bichões...Uns bichões! De Presidente da República a comissário de quartirão, quando candidatos, cada um de vocês é um Amazonas de promessas. Na pos-

17 Vide Faoro (1975) e Sergio Buarque (2004) por exemplo.

18 ‘Conforme Appel (1986) um possível álter ego do Coronel Falcão, sua consciência crítica portanto.

se dos cargos, são outros homens. Faltam à palavra empenhada. Como se não tivessem esgaravatado plataformas. Zorrilhado entrevistas que o repórter floreira. Papagueando manifestos de uma velhacaria para imbair imbecis. Vocalizando arengas, que me tem dado ganas de correr o tribuno a pauladas, a berrar-lhe na imensa orelha: - some-te, pedaço de charlatão e fariseu de truque conhecido. Tu já não iludes a ninguém. Como não iludia, em Bocage, certo orador sacro à escarmentada madama. Antes de vires, com todas as vozes d'animais, cacarejar sandices, vai suar ao arado. Pensar um pouco. Estudar qualquer coisa útil. Ensinar o abc. Valer um doente. Tu! Corrupto e sonoro zangão de colmeia. PINTO, 1986, p.134)

O primeiro ato demonstra em toda a sua crueza (e crueldade) os elementos centrais do pragmatismo privado no que tange às relações políticas, que estão presentes em toda a estrutura governamental e alimentam o processo eleitoral: A contradição entre as promessas de campanha *versus* o exercício do mandato. A utilização da mentira se torna algo natural. Se fala, se prometem coisas que depois jamais se realizaram e isso gera um duplo sentimento: de utilitarismo e de desconfiança com a política. Camerino ainda lembra de que isto é conhecido e que não enganaria mais ninguém, ou seja, de que há uma prática consolidada, mas também um sentimento de aversão por ela, um pequeno germe de resistência ou talvez da inocência devido a utilização da erudita lembrança de Bocage¹⁹. E completa sua crítica buscando demonstrar que a ação política corrupta e que se apropria do Estado está longe, distante da realidade social e das necessidades efetivas da população: educação, saúde, agricultura, ou seja, a atividade política dos indivíduos não como algo público, mas totalmente privada e nenhum pouco vinculada ou preocupada com o voto que os elegeu.

Percebe-se nitidamente em um romance de meados do século XX, a retratação simbólica de sentimentos ainda atuais: a desconfiança da atividade política e a consequente relação utilitária com o Estado, pois alicerçado em uma prática política histórica, provavelmente em sinergia como uma tradição colonizadora predatória e totalmente pragmática que não preocupa-se com a construção de uma nação, mas da riqueza pessoal, que expressa a relação direta de política como uma fonte de maximização dos interesses pessoais e logo fonte de troca para tal.

19 Poeta lusitano do século XVIII

Assim, “Memórias” nos coloca em contato direto, a partir de uma crítica totalmente indignada, com um personagem imerso na realidade de profunda desigualdade e de concentração de renda, uma contradição entre o dito e o feito, entre o prometido e cumprido, enfim entre a verdade e a mentira. Estas contradições maculam a atividade política e ao mesmo tempo constituem uma dominação com base na tradição, pois aprende-se a não gostar ou a não significar tal atividade que pelo senso comum constituído se torna uma coisa, uma atividade ruim:

Um exemplo? Aqui em nosso município, o coronel Falcão... que realizou você, Falcão, neste ano de atividade administrativa, do seu avançado programa? Nomeou o castelhano Vélen cabo de polícia. Adquiriu esta vivenda para fazer dela uma Cápuia. Viver às turras com a paranoia literária do Nazareth. Acirrar a demagogia do Barros. Fazer ciúme politicamente ao podrérrimo Moreira. Ostentar amizades com o Barroso cáften e assassino. Enfim, mentir, falhar, fugir a palavra empenhada. Para não fazer exceção à regra na profissão política. (PINTO, 1986, p. 134)

O segundo ato da ilustração selecionada, nos traz a reprodução em nível local da prática corrupta, onde o coronel, por mais que quisesse ser diferente, recai-se e vai afirmar os vícios do sistema: nomeia os seus para cargos públicos, sem a capacidade técnica ou o conhecimento necessário, ostenta patrimônio e fica em comodidade afastado dos problemas da vida real, neste sentido a referência a Cápuia²⁰ é fantástica, e entra em disputas locais e se relaciona com criminosos. Mas o médico sintetiza com muita objetividade: mentira, falhas e traição que seriam a base da “profissão política”.

Temos aqui uma ilustração que permite perceber algumas questões essenciais, para buscar captar a dinâmica de dominação com base na tradição: primeiro, o funcionamento sistemático da prática de corrupção, sendo ela nitidamente um meio para o alcance de fins pragmáticos privados. Ou seja, a tradição incorpora a corrupção e se generaliza a partir de sua estrutura sócio-histórica, a saber, de sua dimensão agrária. A economia se centra no latifúndio e na monocultura e a Estância, como já visto é unidade angular, o ponto de partida e de chegada desta forma patrimonialista de fazer política.

20 Cidade italiana onde Aníbal se abrigou e optou por ficar tranquilamente longe da batalha, porém em pleno cenário de guerra.

E a aqui vai entrar outro elemento que advém e se retroalimenta com o primeiro, o da sedução da atividade política corrupta que está na base da reprodução do sistema coronelista e que age sobre o indivíduo capturando sua subjetividade em diversos níveis de forma transversal à dominados e dominantes que compartilham e naturalizam uma forma cultural possível, não a única evidentemente, de “fazer” a política. Assim a corrupção vira a regra do jogo, um elemento de planejamento, de estratégia, de cálculo e é elemento central da pragmatização das relações sociais.

Mas, temos o terceiro elemento que a ilustração suscita, de que há também decepção, ou seja, a tradição que vai- se construído, insistimos desde o processo de colonização, vai criando seus desafetos e logo não é um bloco monolítico. Isto quer dizer que não obstante a força econômica, política e cultural do “coronel” e do sistema em si, há possibilidades de brecha, há descontentes e como, se percebe ao decorrer de “Memórias”, a situação de decadência dos proprietários rurais convive com a situação de pobreza dos campônios em geral, da falta mínima de condições de sobrevivência. O discurso que utilizamos para ilustrar a pragmatização política, parte justamente desse fato da pauperização e da mortalidade e doenças decorrentes disto. Assim, a mesma situação que por um lado sustenta a rede de dependência (já comentada) pode estimular a resistência:²¹

“Entretanto, apesar da perfeita execução desse octálogo você tem grandes virtudes para esta “democracia protoplasmática” segundo besteiriza o nosso jornalista. Você não manda matar, surrar, espancar, dar um jeitinho, multar, cobrar, executar os seus adversários com a ferocidade sorridente e sutil de muitos dos seus colegas. Já é alguma coisa. Mas do programa do candidato? (PINTO, 1986. p. 134)

Portanto, o terceiro e último ato de nossa ilustração, traz uma questão muito enfatizada por Victor Leal Nunes como constitutiva central do sistema coronelista e logo da forma de “fazer” política, a saber a violência, pois como já vimos, há possibilidades e inclusive formas de resistência, tanto dos contrários ao sistema (dominados geralmente) como dos que participam deste (as disputas entre os dominantes). Assim, o Dr. Camerino, ao destacar as virtudes do Cel. Falcão expõe a crueza por trás da postura corrupta e que a sustenta em muitas situações, de práticas violentas que vão no nível físico do extermínio ao espancamento, que traduz toda herança

21 A questão da resistência demandaria praticamente um outro artigo ou no mínimo uma sessão, mas foge dos limites propostos para esse artigo que busca discutir a dominação com base na tradição. Destacamos ela aqui rapidamente somente para não perder sua importância dentro da ilustração selecionada e da reflexão como um todo.

colonial de violência do senhor de engenho em relação a seus escravos, até as práticas sutis de a partir do Estado perseguir e dificultar ou arruinar a vida de seus adversários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O centro da reflexão pretendida foi de pensar repostas à pergunta “Como o presente se atualiza a partir do passado?” e tem como pressuposto central, de que o presente, entendido quer como a atualização cotidiana das relações sociais, quer como as novidades que invadem esse mesmo dia a dia, quer como as estruturas cambiantes que interferem em nossa vida (economia, sistemas educacionais, Estado e etc.) são construções sócio culturais que afirma determinados status quo, determinadas relações econômicas, políticas e sociais. E, portanto, nestas construções o passado não é eliminado, mas transmutado, reconfigurado a partir da presença constante de diferentes tradições. Assim, por mais que os hábitos e costumes se inovem e se transforme eles “trazem algo consigo” que está presente nas relações sociais para antes de sua existência e que se adapta e permanece por dentro das próprias relações sociais.

Logo, para buscar captar este fenômeno, partimos de Weber e as principais características de uma dominação com base na tradição. Assim verificamos que a tradição parte de uma sacralidade auto assumida pelos dominantes e dominados e que legitima a relação de obediência. Há o reconhecimento na dignidade do patriarcal ou do senhor patrimonial, que seria exemplar, pois daria conta de manter determinadas regras, ritos e garantias e condições de segurança do dominado, não obstante ter um grande espaço para seu livre-arbítrio, porém desde que garantido certos critérios de equidade, principalmente de caráter material e/ou utilidade prática.

Este respeito ao patriarca/patrimônio, a partir de tais preceitos se enraíza emocionalmente, por sua vez, compondo a tessitura motivacional da própria ética do indivíduo, assim a tradição que se plasma na afirmação de um eterno “sempre foi assim” engendra um sistema de reciprocidade que tende a se reproduzir através de gerações, se adaptando elasticamente a cada nova situação sócio-histórica. Serão três os mecanismos de atualização, como alhures colocados: o pragmatismo material, a reprodução simbólica (educacional/moral/mental) e a troca utilitária de apoios, interesses, etc. A partir deste modelo possível, experimental e provisório é possível pensar as relações sociais como marcadas permanentemente por tradições ora mais fortes, ora menos fortes.

Buscando perceber este fenômeno na sociedade e brasileira, princi-

palmente no seio das relações políticas entre Estado e Sociedade Civil e nos mecanismos de democracia representativa, partimos para compreender o modelo montado a partir de Weber, dos estudos e ensinamentos de Victor Leal Nunes que demonstra, a constituição do compromisso e sistema coronelista que coloca em contato o poder central e o poder local e realiza uma sólida troca de apoio político expresso em disponibilização de recursos públicos, na autorização da ação irrestrita do coronel na distribuição de cargos e na sua ação, de seu livre arbítrio, por votos, comandados por esse coronel que domina as relações sociais locais e logo o acesso aos votantes.

Neste sentido, buscando completar este breve e introdutório artigo, optamos por trazer ilustrações retiradas do romance “Memórias do Coronel Falcão” de Aureliano de Figueiredo Pinto, entendidas aqui como pequenas imagens que ajudam a demonstrar maiores detalhes e logo a complexidade do sistema em si. Assim, a partir das breves e significativas ilustrações expostas na seção quatro, podemos inferir que junto com a rede estrutural de dependência do poder patrimonial do coronel, temos a privatização do Estado, “*locus*” das possibilidades de ampliação da própria rede assim como da influência deste na atividade política.

E aqui se percebe uma conexão entre as elites em um cenário capitalista, onde, tanto importa a independência e soberania do país, tanto importa também a sua submissão, suas formas de desenvolvimento, pois o centro é o lucro privado. “Memórias” mesmo sendo e talvez por ser, um romance, nos permite perceber que este fenômeno se alimenta de condições existentes e recolocadas permanentemente a partir da exclusão social que geram necessidades, assim como práticas e éticas: geralmente utilitárias, desconfiadas, precarizadas subjetivamente por estragos simbólicos causados pela escravidão, violência e o patrimonialismo. Isto está na base da dominação com base na tradição em um país que já foi colônia e hoje tenta viver seus momentos democráticos.

Tais conexões entre passado e presente encarnam e denotam não uma única forma de fazer, ou algo natural e inexorável, mas como vimos em Weber e Victor Leal Nunes, um determinada forma “de fazer”, a partir de uma determinada ética utilitária e material que se expressam no Brasil a partir do pragmatismo privado, ou seja com base em interesses privados e jamais comuns (como vimos, mesmo por dentro das elites) que constitui-se e se tece emocionalmente sustentada em relações de lealdade pessoal e que transitam e se naturalizam de geração em geração.

Há, portanto, a consolidação de uma sinergia entre o público e privado, onde o segundo revive, atualiza-se e confere nova energia ao primeiro, ou seja, o poder privado da elite colonialista que serviu a “Coroa”, trans-

mutada em elite agrária (e alguns de seus setores depois em elite urbana) e que mesmo decadente está ainda estruturalmente comandando o Estado que deveria ser público, porém se torna na maioria das vezes privado. O desafio é resistir e apostar em uma tradição democrática, prosa necessária, mas para outra reflexão.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, M. *Cidadania no Brasil: O longo Caminho* (3a ed). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- COHN.G(Org). *Weber*. São Paulo: Ed. Ática, 1986.
- FAORO.R. *Os donos do poder – formação do patronato político Brasileiro* – vol. 1 –São Paulo: Ed. Globo/Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975
- FAORO.R. *Os donos do poder – formação do patronato político Brasileiro* – vol. 2 –São Paulo: Ed. Globo/Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975
- FREYRE, G. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* (17a ed.). Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1975.
- HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- LEAL, V. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo: Schwarcz S.A, 2012.
- PINTO. A. *Memorias do coronel Falcão*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1986.
- PRADO JUNIOR.C *Formação do Brasil Contemporâneo*. 7ª impressão da 23ª. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WEBER. M. *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Ed. Cultrix, 2011.
- WEBER.M. *A Ética Protestante e o espírito do Capitalismo*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2007.
- WEBER. M. *Economia e Sociedade – vol 2*. Brasília: Editora da UnB, 1999.

Recebido em 22/12/2020

Aprovado em 24/06/2021